

A VIDA NUA E O TRANSHUMANISMO

Maria Cristina Pratis Hernández

Resumo: A política coloca como questão central para a vida do homem moderno, o seu ser vivente ou o bios politikos, tal como Hannah Arendt denominava. Essa vida puramente biológica e, sem direito de escolha e de opinião é posta para alguns seres humanos, por vias legais. Assim é a vida de um homo sacer, mas poderá ser a vida de um humano manipulado geneticamente. Levando em consideração, que a liberdade de imaginação e tentativas de controle sobre a vida, isto é, sobre a natureza como um todo, sempre foi exclusividade do ser humano. Para isso, considera-se que a arte cuida da imaginação e, a religião e a ciência cuidam da vida, em si, pois todas são criações humanas. Diante do exposto, a proposta que está sendo apresentada para comunicação baseia-se numa revisão literária, de cunho transdisciplinar.

Palavras-chave: sacralidade da vida, religião, ciência

Introdução

Na visão de Hannah Arendt, a vida humana se tornou o objeto a ser administrado na sociedade moderna. Fazendo com que o controle da vida humana em que vigora a vontade soberana e que a reduz a pura vida nua. E essa vontade soberana aparece na figura jurídica do Estado-nação. Já, Agamben mostra que antes dos direitos do cidadão, está a captura política do seu corpo. Em suma, o corpo biológico dos cidadãos é capturado pelo Estado, e acaba se tornando um elemento útil para a potência do governante. Mas há uma outra forma de uma captura política do corpo humano, quando a inserção da técnica no corpo humano.

O homem que faz técnica é aquele que estabelece com a natureza uma relação de transformação, utilizando como meio um determinado corpo. Mas isso não deve conduzir à suposição de que a técnica seja um mero prolongamento das funções do corpo, inclusive as cognitivas. A ideia da utilização da técnica já estava presente nas origens da constituição do ser humano, como ser simbólico. Ser de linguagem, de modo que as tecnologias atuais são sua continuidade.

Mas a vida humana reduzida à mera vida natural é uma vida em que está negada a possibilidade de ser sujeito. É o que resta do ser humano, tendo em vista que, o conceito de resto tem ressonâncias teológicas, uma vez que o conceito de resto foi a categoria sociológica utilizada para denominar o que restou do povo de Israel no exílio.

1. A vida puramente biológica

Walter Benjamin denominou de pura vida nua, a vida humana considerada como mero ser biológico. Uma vida sem direitos, a não ser, a sua materialidade corporal e biológica. Nesse sentido a vida humana é vista dentro da ordem através da figura da exceção. No entanto,

o homem que ‘abandona’ o seu corpo é o homem que faz técnica, que se desprende do aqui e agora das circunstâncias, das imposições do meio ou das urgências vitais e produz, projeta o que não estava aí. É aquele, portanto, que estabelece com a natureza, com o seu corpo e com o seu meio, não uma simples relação de acomodação ou adaptação, mas de transformação.(SANTAELLA, 2007, p.129)

Desse modo, não é o corpo nu ou natural que estabelece a mediação ou a fronteira entre o homem e o mundo, mas um corpo atravessado, modulado pela técnica, não é por acaso que esta também se define como mediação.

Mas isso não deve conduzir à suposição de que a técnica seja um mero prolongamento das funções do corpo, inclusive as funções cognitivas, tendo em vista que, ao disseminar suas funções no espaço externo, nem o corpo, nem o mundo permanecem os mesmos, pois o interior e o exterior, bem como a mediação entre eles, ganham novos contornos. São contornos políticos e normatizados.

De acordo com Santaella (2007) as “tecnologias da inteligência, que hoje já começam a tomar conta também do nosso corpo, são extrassomatizações do cérebro humano.” Na opinião da referida pesquisadora, essas novas tecnologias não são tão estranhas a nós quanto parecem ser. Pois, elas agem como prolongamentos do nosso corpo e da nossa mente. Desse modo, não é o corpo nu ou natural que estabelece a mediação ou a fronteira entre o homem e o mundo, mas um corpo atravessado, modulado pela técnica.

Seguindo nessa esteira de pensamento, existem pós-humanistas que defendem a ideia de que a contemporaneidade exige, cada vez mais, que o homem precisa poder viver em ambientes que não são o seu habitat natural, como as viagens espaciais. E sua visão de mundo, a vida inteligente precisa continuar no espaço, caso uma catástrofe elimine todas as condições de sobrevivência da espécie humana na Terra.

Por outro lado, há outro grupo de pós-humanista, que baseados na tese da transformação biotecnológica ou biogenética. Eles consideram que não há uma superação do humano, mas sim a sua transformação. E, isso ocorreria com o pós-humano através da sua transformação genética, isto é, não há uma obsolescência do humano. Mas criar uma possibilidade de se melhorar o patrimônio genético por meio de transformações nas células germinativas. De

forma que no futuro haveria uma diferença grande entre aqueles que ainda evoluem de acordo com a seleção natural e aqueles que evoluem de acordo com essa transformação genética. Essa proposta científica inaugura aquilo que alguns estão chamando de um novo tipo de eugenia, ao mesmo tempo de um outro tipo de homo sacer

2 – Homo sacer.

Do verbo latino *sacer* que designa o que não pode ser tocado, que é querido pelos deuses, santo, venerável. Ao mesmo tempo, contempla a idéia de *sanctus*, isto é, aquilo que é tornado sagrado, inviolável, respeitável, virtuoso, poderoso. Mas a palavra sacer tomou um sentido contrário, passou a ser interpretada como maldito, execrável, detestável, abominável.

Podemos fazer um paralelo entre sacer com o conceito *hieros*, que os gregos utilizavam no sentido de algo sagrado. Divino, dotado de força e luz. Em oposição a *hieros* utilizavam o conceito de *hagios* que continha a idéia de maldito. Mas foi a cultura judaica que introduziu a idéia de *sagrado* e *profano*, em hagios. E o cristianismo acrescentou a santidade de Deus e do pecado.

O homo sacer era uma figura arcaica do direito romano. O homo sacer é a vida abandonada pelo direito. É o que Walter Benjamin denominou de pura vida nua, simplesmente um ser biológico. Vivendo o pleno estado de anomia, onde a vida humana fica reduzida a mera vida natural ou vida nua

A vida nua é uma vida banida e, como conseqüência, uma vida bandida. A vida humana é sagrada, mas está presa a uma vontade soberana. Soberania que pretende incorporar uma forma de poder divino. Contudo a lei divina é essencialmente ética, ela existe na defesa da vida e não se refere à ordem estabelecida por humanos.

Subentende-se que o homo sacer não tem o direito de ter a sua vida defendida. Amaldiçoado *divinamente*, ele é abandonado numa zona de anomia. De maneira que qualquer um pode violentá-lo sem que sofra qualquer sanção social. Nesse sentido, o homo sacer não é *humano*, dentro da visão que herdamos dos nossos antepassados. Ao mesmo tempo, em que a sacralidade da vida se distancia de sua origem religiosa (do todos iguais perante ao criador).

2.1. Homo sacer decretado por vias legais ou questão do corpo controlado

Essa vida puramente biológica, sem direito de escolha e de opinião é posta para alguns seres humanos, por vias legais. É a vida abandonada pelo direito, nesse sentido todos os seres

humanos têm sobre si a possibilidade de que, no estado de direito e em determinadas circunstâncias, qualquer um pode ser visto como perigoso. E como consequência, lhe seja decretada a exceção. Tanto que há um

paradoxo contido na declaração dos direitos humanos inalienáveis: ela se referia a um ser humano “abstracto”, que não existia em parte alguma, pois mesmo até os selvagens viviam dentro de algum tipo de ordem social. (ARENDETT, 2009, p.325)

Assim é a vida de um homo sacer, mas poderá ser a vida de um humano manipulado geneticamente. Levando em consideração, que a liberdade de imaginação e tentativas de controle sobre a vida, isto é, sobre a natureza como um todo, sempre foi exclusividade do ser humano. E que somente alguns seres humanos, no exercício de sua cidadania, baseados em leis vigentes em sua sociedade e referendadas universalmente - pode decretar a *deshumanidade* de um semelhante.

Para Agamben (2002), a separação entre o humano e a cidadania se torna mais contraditória no denominado direito humanitário. Haja vista que, as chamadas organizações humanitárias são instrumentalizadas como meios para compensar as barbáries humanas dos interesses políticos.

1614

Porém quando a vida humana entra na lógica da economia política como um recurso útil a ser governado segundo a lógica dos interesses institucionais, é possível pensar na criação de entes híbridos de humanos e máquinas. Muitas vezes com objetivos econômicos.

A ideia da produção de um transhumano, o humano perfeito, pode nos conduzir a uma idolatria a alguns seres humanos “geniais”. Seriam os criadores de uma exceção regulamentada, juridicamente. da obsolescência do humano e do futuro pós-humano. Esta é uma situação preocupante, principalmente, se levarmos em consideração que o discurso ideológico do capitalismo e da tecnociência estão apresentando a obsolescência e a passagem para o pós-humano, dessa maneira.

Como somos feitos de partículas de matéria, entender as leis que regem seu comportamento é uma pré-condição para entendermos o carácter fisiológico das emoções humanas e até o fenómeno do amor. E, podermos “manipulá-los”, cientificamente.

2.2. O humano criado por meio da ciência

O termo pós-humano é um neologismo que se remete à imagem do ódio do homem por si mesmo. E suas conotações certamente implicam e provocam também mudanças nas

dimensões antropológicas e filosóficas que vão além da tecnologia e mesmo da biologia. Passando a ideia da produção de um transhumano, que seria o humano perfeito, pode nos conduzir a uma idolatria a alguns seres humanos *geniais*, os criadores de uma exceção regulamentada, juridicamente.

Essa ideia do pós-humano é apresentada como a mutação dos corpos como fruto das simbioses do ser humano com as próteses tecnológicas. Já vêm sendo utilizados alguns outros adjetivos para o corpo tecnologizado que ocupam regiões semânticas próximas às de biocibernético e de ciborgue, tais como *corpo protético*, *pós-orgânico*, *pós biológico* e, na seqüência, *pós-humano*.

Embora a palavra *prótese* seja bem funcional para caracterizar as extensões tecnológicas do corpo, As expressões *pós-orgânico* e *pós-biológico* também são repetidas com freqüência. Dessa maneira estamos redefinindo a espécie humana através da interação com tecnologias que ampliam nossas capacidades humanas. Quando cientistas e engenheiros usam computadores para ampliar sua habilidade cerebral. De forma que, o ritmo do progresso científico está diretamente relacionado a nossa aliança com as máquinas digitais.

1615

A junção do humano com as máquinas, imagens e informações é conhecida como transhumanismo. Nesse sentido, ao inventarmos tecnologias que nos permitam ampliar nossas capacidades físicas e mentais, ou mesmo máquinas pensantes, estaremos decretando nosso próprio fim? Será esse nosso destino evolucionário, criar uma nova espécie além do humano? Pois o pós-humano representa a construção do corpo como parte de um circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos e não-humanos, tanto chips de silício quanto tecidos orgânicos, bits de informação e bits de carne e osso.

Essa ideia do pós-humano é apresentada como a mutação dos corpos como fruto das simbioses do ser humano com as próteses tecnológicas, isto é, a junção do humano com as máquinas, imagens e informações é conhecida como transhumanismo. A hibridização entre tecnologia e biologia já é coisa do presente. Tanto que elas estão hoje se misturando com o orgânico, cada vez mais.

Tendo em vista que, por mais que as tecnologias se desenvolvam e se sofisticem, elas não são estranhas ao orgânico ou biológico. São diferentes, mas não estranhas. Estamos redefinindo a espécie humana através da interação com tecnologias que ampliam nossas capacidades humanas. Quando cientistas e engenheiros usam computadores para ampliar sua habilidade

cerebral. De forma que, o ritmo do progresso científico está diretamente relacionado a nossa aliança com as máquinas digitais.

Alguns estudiosos do assunto ressaltam que sempre houve a intenção de fazer a junção entre ser humano e a tecnologia. Esse fenômeno está inserido no pensamento ocidental sobre a tecnociência, através do qual enxerga a possibilidade de transcender a condição humana.

Assim, valendo-se da nova alquimia tecnocientífica, o ‘homem pós-biológico’ teria condições de superar as limitações impostas pela sua organicidade, tanto em nível espacial quanto temporal. (SIBILIA, 2002, p. 14).

3. Vias de criação e cuidados com a vida: por meio da religião e através da arte

Considera-se que a arte cuida da imaginação, a religião e a ciência cuidam da vida, em si, pois todas são criações humanas. Para nos referirmos à atual necessidade de repensamento do humano, na pluralidade de suas dimensões – molecular, corporal, psíquica, social, antropológica, filosófica, etc. é utilizado o termo *pós-humano*.

De acordo com Felinto (2006) o pós-humanismo pode ser entendido como

uma das mais relevantes ‘narrativas digitais’ com que nos defrontamos hoje – uma narrativa que encontra nos temas da transcendência, do espiritualismo tecnológico, da informatização do real e da expectativa futurista utópica alguns de seus elementos principais.

1616

Todavia, ao tomar como base uma pesquisa cuidadosa realizada na Internet, Felinto teve a precaução de distinguir entre um pós-humanismo, semeado na Internet em oposição a um pós-humanismo mais crítico. O pós-humanismo da Internet é mediático, com caráter mais artístico.

Para o artista Pepperell (1995) a expressão *pós-humano* pode ser empregada em diversos sentidos, tais como: para marcar o fim do período conhecido como humanismo, de forma o pós-humano vem a significar *depois do humanismo*. Pode indicar que o humano está passando por profundas transformações. Nesse sentido há uma outra visão do que seja humano. Ou até mesmo, que o *pós-humano* seja uma convergência de organismos com as tecnologias até o ponto de tornarem-se indistinguíveis.

Para ele a era pós-humana seria o resultado da composição das tecnologias pós-humanas baseadas na mescla da realidade virtual, comunicação global, protética e nanotecnologia, redes neurais, algoritmos genéticos, manipulação genética e vida artificial.

Considerações finais

Será que criaremos máquinas mais inteligentes e poderosas do que nós, a ponto de por em risco a nossa própria existência? Mas será possível ter a compreensão completa do cérebro humano? Segundo alguns estudiosos o que vemos do mundo, mesmo com nossos instrumentos, jamais é tudo o que poderia ser visto. No máximo, podemos tentar captar o essencial, recriando um modelo parcial do que existe. Nem que seja um cérebro destituído do corpo que comanda.

Se levarmos em consideração o conceito de humano, podemos esperar uma coisa desprovida de corpo? O que é um humano sem corpo, sem emoção e sem dor? Ao mesmo tempo, precisamos aprender a viver com o mistério, com o fato de que não podemos chegar ao fim do conhecimento.

Em suma, apesar das transformações tecnológicas ocorridas no corpo sinalizar a emergência do pós-humano. Ainda assim, as nossas certezas ontológicas e metafísicas tecidas há muito tempo, sustentam as concepções humanistas que alimentam a filosofia e as ciências do homem até hoje, mesmo quando se abrem para um questionamento.

Portanto ver mais não significa ver tudo. E aceitar a incompletude do saber é uma atitude libertadora, pois a busca não tem fim.

Referências

AGAMBEN, G. **Homo sacer: O poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2003.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia. Letras, 2009.

BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. São Paulo: Cultrix, 1986.

_____. **Obras Escolhidas: Magia, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FELINTO, E. **A Comunicação dos Autômatos: sobre o Imaginário do Pós-Humanismo na Internet**, In Galáxia 11, junho de 2006, pp. 107-24.

PEPPERELL, R. **The Post-human Condition**. Oxford: Intellect, 1995.

SANTAELLA, L. **O Corpo Biocibernético Revisitado**: In REVISTA USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007.

SIBILIA, P. **O Homem Pós-orgânico**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.